

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea que sunt priora extendens neipsum
ad destinatum persequor, ad brarium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — Carta apostolica do Santo Padre Leão XIII recommendando aos catholicos que façam orações especites durante as solemnidades do Pentecostes. — Provisão do ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Governador do Bispado do Porto acerca da procissão do Corpo de Deus. — SECÇÃO DOCTRINAL: A Milicia Christã (VI—A Prudencia) pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO HISTORICA: D. Leonardo Brandão, Bispo de Pinhel, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: O socialismo (I) pelo ex.^{mo} sr. B. — A verdadeira Bernadette de Lourdes (cartas do Mons. Ricard ao sr. Emilio Zola) traduzidas pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: Baptismo dos heresjes que se convertem ao Catholicismo. — Questão sobre espolios dos Bispos. — SECÇÃO LITTERARIA: A Oração da manhã (poesia) pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, pela redacção. — SECÇÃO ILLUSTRADA: Faça-se a luz!: Santo Antonio de Lisboa, pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção. — SECÇÃO ADMINISTRATIVA.

GRAVURAS: Faça-se a luz! Santo Antonio de Lisboa.



FAÇA-SE A LUZ!



CARTA APOSTOLICA

DO

SANTO PADRE LEÃO XIII

Recommendo aos catholicos que façam orações especiaes durante as solemnidades de Pentecostes.

LEÃO XIII, PAPA

A todos os fiéis christãos que esta carta lerem, saúde e honção apostolica

É um voto verdadeiramente paternal aquelle que fórma a Igreja, quando pede incessantemente a Deus uma só fé no pensamento e uma mesma piedade na acção para todos os povos christãos da terra. Nós, que desempenhamos no mundo as funções do divino Pastor e fazemos esforços para realisar as suas intenções, não temos já-mais cessado de provocar o seu cumprimento, por todos os meios, nas nações catholicas; e, com mais ardor ainda, incitamos hoje a isso as nações que a Igreja, ha já muito tempo, deseja instantemente chamar a si. Não é obscuro, e torna-se de dia para dia mais claro, d'onde é que hão de vir as graças e os auxilios necessarios para o cumprimento dos Nossos desejos e satisfação das Nossas sollicitudes: virão d'Aquelle que com razão é chamado Pai das misericordias, e que tem o poder não só d'illuminar os espiritos, como de bondosamente encaminhar as vontades pelo caminho da salvação.

É impossivel que os catholicos não vejam quam graves e importantes são as coisas que temos emprehendido, pois que se trata do augmento da honra de Deus, da gloria do nome christão e da salvação eterna de grande numero de almas. Se considerarem a questão conscienciosa e religiosamente, como convém, sentirão certamente accender-se-lhes a poderosa chama d'uma caridade superior, d'essa caridade que não recusa nenhum trabalho por Deus, e que faz que os christãos tudo tenham para salvação de seus irmãos.

D'isto resultará, como é Nosso ardente desejo, que todos se unam a Nós com zelo, não sómente pela confiança que tenham no feliz resultado dos Nossos projectos, mas tambem pelo alto concurso que poderão dar-Nos, principalmente o concurso d'humildes e piedosas orações.

Nenhum tempo nos pareceu mais proprio para o exercicio d'este dever do que aquelle em que outr'ora os Apostolos, depois da Ascensão do Senhor, se reuniram n'um só lugar, *perseverando unanimemente na oração com Maria, Mãe de Jesus* ⁽¹⁾ esperando a virtude do alto, promettida por Christo, e todos os dons da graça. Foi, com effeito, n'esse augusto Cenaculo, e a partir d'essa mysteriosa descida do Paraclete, que a Igreja, já concebida por Jesus Christo, e nascida por sua morte, começou, como sob o feliz impulso d'um sopro divino, a cumprir a sua missão entre os povos, aos quaes devia conduzir á mesma fé e á renovação dos costumes pela vida christã. Em pouco tempo appareceram numerosos e insignes fructos d'esse apostolado, entre os quaes essa soberana união dos corações que se não deve cessar de propôr á imitação: *A multidão dos crentes formava um só coração e uma só alma.* ⁽²⁾

Por este motivo, julgamos conveniente insistir e exhortar a piedade dos catholicos, afim de que, a exemplo da Virgem Maria e dos santos Apostolos, dirijam a Deus, durante a novena da proxima festa do Pentecostes, orações *communis* com particular ardor, repetindo esta supplica: *Emitte Spiritum tuum, et creabuntur: et renovabis faciem terrae.* E' permittido, com effeito, esperar bens muito grandes e salutaes d'Aquelle que é o Espirito de verdade, que revelou os segredos de Deus nas Escripturas, e que sustenta a Igreja com a sua perpetua presença; fonte viva de santidade pela qual as almas regeneradas encontram de novo a adopção divina, se desenvolvem e se aperfeioam admiravelmente em ordem á eternidade. Com effeito, da graça multiplice d'esse Espirito manam nas almas, como um perpetuo dom, a luz divina e o zelo, a cura e a força, o allivio e o repouso, todo o desejo do bem e toda a fecundidade em boas obras. Emfim esse mesmo Espirito obra por sua virtude na Igreja de tal sorte que, se Christo é dignamente chamado o *chefe* d'este corpo mystico, pôde Elle, por uma comparação analogá, ser chamado o coração: porque «o coração tem uma certa influencia secreta, e é por isso que se pôde comparar ao coração

o Espirito Santo que vivifica e une invisivelmente a Igreja» ⁽¹⁾.

Pois que este Espirito é *todo caridade* e que as suas obras são especialmente consideradas como obras do amor, ha razão para esperar firmemente que, por elle, dissipando-se o espirito d'erro e sendo refracido o espirito de malicia, a união e a comunidade dos espiritos que convém aos filhos da Igreja se tornem mais estreitas e mais solidas. Os fiéis, segundo a advertencia do Apostolo, evitem as disputas, aproximem os seus pensamentos, compenetrem-se todos da mesma caridade ⁽²⁾; e, enchendo-Nos assim d'alegria, formem, sob a diversidade de nomes de povos, uma robusta e florescente patria. Esse exemplo de uma caridade concorde entre catholicos, essas iustantes orações, piedosamente dirigidas ao Espirito divino, serão novos penhores d'esperança na obra da reconciliação dos nossos irmãos separados, obra que consiste em levar estes a sentirem em si mesmos o que se sente em Christo-Jesus ⁽³⁾, a possuirem um dia a mesma esperança que nós e a estarem a nós unidos pelos laços tão desejaveis d'uma perfeita caridade.

Mas, além das graças particulares que todos os fiéis, que hajam correspondido de boa vontade á Nossa exhortação, obterão de Deus como premio do seu zelo e do seu amor fraternal, apraz-Nos abrir largamente o thesouro da Igreja para accrescentar a essas graças a recompensa das santas indulgencias.

Porisso, a todos aquelles que, durante os nove dias que precedam o Pentecostes, fizerem piedosamente, todos os dias, algumas orações particulares, quer privadas, quer publicas, concedemos por cada um d'esses dias uma indulgencia de sete annos e sete quarentenas. Concedemos, além d'isso, uma indulgencia plenaria para qualquer d'esses dias, ou para o proximo dia do Pentecostes, ou para qualquer dos oito seguintes — aquelles que, regularmente confessados e absolvidos, e alimentados com o pão encharistico, dirijam preces a Deus com a intenção que já exprimimos. Concedemos tambem aquelles que, na sua piedade, renovarem as suas orações nas mesmas condições durante os oito dias que seguem ao Pentecostes, a facultade de ganharem uma segunda indulgencia. Declaramos e ordenamos, por Nossa auctoridade, que estas indulgencias são applicaveis, sob modo de suffragio, ás almas condemnadas ás chammas do

⁽¹⁾ *Summa th.* S. Thoma p. III, q. VIII, art. 1 ad 3.

⁽²⁾ *Philipp.* II, 2, 3.

⁽³⁾ *Ib.* 3.

⁽¹⁾ Act. I, 14.

⁽²⁾ *Ib.* IV, 32.

Purgatorio e que poderão ser ganhas nos annos seguintes; sendo todas as prescripções, segundo o costume, regularmente observadas.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, sob o annel do Pescador, aos 5 de maio de 1895, decimo oitavo anno do Nosso Pontificado.

G., CARD. DE RUGGIERO.

Provisão

JOSÉ CORREIA CARDOSO MONTEIRO. Bacharel Formado em Theologia pela Universidade de Coimbra. Conego Chantre da Sé Cathedral. Provisor e, na ausencia de Sua Eminencia Reverendissima, Governador do Bispado, etc.

Ao Reverendo Clero e Fieis d'esta Diocese saude e paz em Jesus Christo.

FAÇO saber a todos em geral, e em particular aos moradores d'esta Cidade, que a Ex.^{ma} Camara Municipal participou ao Em.^{mo} Prelado ter resolvido fazer sahir da Sé Cathedral a Procissão do Corpo de Deus no seu dia proprio, 13 do proximo mez de junho, pelas seis horas da tarde, e lhe rogou concorresse pela sua parte com as necessarias providencias para a maior solemnidade d'este acto religioso.

Louvores sejam tributados á Ex.^{ma} Camara por dar publico testemunho de suas crengas, prestando e promovendo o culto que é devido a Jesus Sacramentado; bem haja o Senado Portuense por tão elevado exemplo instructivo e sempre effiz de não se *envergonhar de Deus na presença dos homens.*

Hoje que se lida constantemente pelo alimento do corpo, esquecendo com gravissimo prejuizo o da alma, é necessario mais que nunca recordar as palavras do Divino Salvador—*trabalhou, não pela comida que preece, mas pela que dura a vida eterna*; hoje que muitos infelizes se entregam e abandonam por completo ás cousas terrenas, é dever dos que occupam logar proeminente na sociedade, chamal-os á contemplação das cousas celestiaes pela palavra e pelo exemplo.

É que exemplo mais commovente, que mais seguro meio para promover e excitar o bem moral do que o Culto Catholico?

Inspirado na Fé, recorda que Deus é nosso principio e fim, nosso guia e força; é a publica e solemne affirmacão da honra e gloria devida á Omnipotencia Divina, um cantico de louvor á sua Magestade.

Inspirado na Caridade, recorda os prodigios do amor de Deus e torna fa-

cil o dever; une as vontades e faz dos homens irmãos; annuncia o Pae Celeste e os corações sentem-se attrahidos para Elle. Quem ama a terra, diz Santo Agostinho, terra é, os que amam a Deus são quasi como Deus.

É quem mais que Jesus tem direito á nossa gratidão, ao nosso amor e aos nossos cultos?

É impossivel conhecer a sua doutrina, relembrar a sua caridade sem o amarmos. Querendo só a salvacão do homem, ensina com a palavra e exemplo a obediencia aos Decretos Divinos e a necessidade da oração; proclama—*benaventurados os que choram, porque serão consolados*, no céu ha galardão para os perseguidos e injuriados; vinga a lei, combatendo a insidia dos phariseus; aos discipulos que disputam primazias, responde que o mais humilde será o primeiro; e a todos os momentos clama—*amae os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orae pelos que vos perseguem e calumniam.*

A caridade, porém, de Jesus Christo excede, se é possivel, seus ensinamentos.

Desde a voz que desce á terra para dizer—*Este é o Filho meu Dilecto*, até á palavra que sóbe aos Ceos—*Pae, perdoae-lhes*, o seu coração dilata-se em taes extremos d'amor que bem podemos exclamar—*é na verdade o Filho de Deus.*

Submettendo-se incondicionalmente ao Eterno Pae e acceitando o calix d'amargura, ao arrostar o seu martyrio só tem palavras de bondade e commiseracão para os amigos que o desamparam, que o renegam e até atraçoam. Nem um queixume se desprende de seus labios no meio das affrontas, das amarguras e dos tormentos; e ao escarneo das blasphemias arremessadas á sua ultima agonía, responde com o perdão.

Tanta caridade, e só para salvar o homem! O maior prodigio, porém, d'amor operou-o Jesus Christo no Cenaculo ao celebrar a ultima Ceia com seus discipulos.

La deixal-os, approximava-se a hora de voltar ao seio do Eterno Pae, mas quer continuar a viver, e para sempre, entre os homens, alimentar-os espiritualmente de si mesmo; e, milagre dos milagres, dulcissimo Mysterio, Christo Deus e Homem desce, humilha-se, aperta-se nos estreitos limites do Pão Eucharistico que acabara de instituir para dar-se a seus discipulos, e n'um heroismo de caridade entrega-se áquelle que havia de trahil-o!

Poderá haver algum Christão que ao defrontar-se com o SS. Sacramento deixe de o adorar? Quem tão contradictorio que recuse a Jesus Sacramentado o que de boa vontade e interesseira-

mente dá em homenagens publicas á creatura? Quem tão orgulhoso e ingrato que não queira reconhecer suas dividas e ainda menos confessal-as?

Por certo nenhum christão se negará a prestar culto á Sagrada Eucharistia, esse *Sacramento de piedade, signal d'união, e vinculo de caridade*, que nos mostra Jesus desde a humildade de seu berço até á humildade da Cruz, berço também mas do homem redimido.

Felizmente aos generosos filhos d'esta Invicta Cidade não é necessario recordar seus deveres religiosos.

A Fé e a Caridade são a sua mais nobre e honrosa tradição, tradição dos fortes, d'aquelles que, elevando a alma para Deus, se entregam de todo o coração a socorrer e amparar os fracos e desvalidos.

Sigamos, pois, o exemplo da Ex.^{ma} Camara, concorramos todos para o maior esplendor do culto a Jesus Sacramentado e digamos ao vel-o passar—*Bemdito seja o Senhor que nos visitou e remiu.*

Pela minha parte, como Governador do Bispado na ausencia de S. Em.^a Rev.^{ma}, accedendo da melhor vontade ao pedido da Ex.^{ma} Camara, e cooperando quanto em mim cabe para o esplendor d'esta Procissão, ordeno que compareçam n'ella todos os Ecclesiasticos de Prima Tonsura, Ordens Menores e Sacras que n'esta Cidade do Porto, e até á distancia de uma legua, se acharem domiciliados ou de passagem, os quaes se apresentarão na Sé Cathedral e darão seus nomes ao Reverendo Escrivão da Camara Ecclesiastica, para os relacionar. Se, porém, algum estiver legitimamente impedido, justifical-o-ha por meio de requerimento documentado até á vespera do dia da festividade, e sendo deferido, o apresentará ao mesmo Reverendo Escrivão da Camara para tomar nota, e a seu tempo certificar dos que faltarem por motivo de dispensa.

Em conformidade com a Constituição Diocesana, trajarão sobrepeliz e o habito ordenado pelo rito e Pastoraes vigentes: irão os de cada freguezia de baixo da sua respectiva cruz, caminhando com gravidade e religiosa modestia, acompanhavão a Procissão desde a saída da Sé até completar o seu giro, e muito confio nenhum dará o censuravel escandalo de a abandonar durante o seu transito.

Pelo que respeita aos Reverendos Parochos, tomarão capa d'asperges em estola, e deputarão dous cantores para os Hymnos e Psalmos do estylo.

Esta Provisão será lida pelos Reverendos Parochos á estação da Missa Conventual, e os mesmos darão conhecimento d'ella ao Clero de sua freguezia, e me enviarão dous dias antes da

Proceissão uma relação dos que foram avisados, informando de que assim o cumpriram.

Dada no Porto e Paço Episcopal sob minha assignatura aos 28 de Maio de 1895.

JOSÉ CORRÊA CARDOZO MONTEIRO,
Governador do Bispado.

SECÇÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

VI

PRUDENCIA

NOS a marcha forçada sem podermos parar no caminho da vida; e, para não cairmos em abysmos, que á direita e esquerda se nos deparam, devemos ir muito apurados e ver onde e como assentamos o pé.

A preguiça diz-me: — descansa, e eu devo lidar. O egoismo cuida de ti: diverte-te, gosa; e eu devo fazer p nitencia e sacrificar-me por Deus e pelos meus irmãos. A cobiça diz-me: — ajunta; e eu devo dar esmola. A vaidade que appareça, e deveria esconder-me.

Se me lanço sem bussola nem leme n'estes mares turbulentos da vida, vou certamente perecer e para sempre.

Como, pois, trilhar o caminho e fugir dos perigos? Levando sempre na mão e bem accessa a lanterna da prudencia para ver, aqui e além, o meio de praticar o bem e fugir do mal, por forma que nos fiquem da jornada lembranças risonhas e não amargos remorsos, que nos venham tirar o doce somno nas horas destinadas ao descanso.

Oh! como esta virtude é bella!

E' o delicado pincel que vem matizando todas as virtudes e marcando os seus contornos. O aroma que as entras perfuma, deixando cahir nos seus calices gotas de celestial balsamo.

E' o tacto racional mais delicado, que vae tirando as asperezas da imperfeição, limando as exerescencias da rudeza, suavizando as agruras da malicia, moderando os genios, debilitando os vicios e fomentando as virtudes.

E' a elegancia na linguagem, a boa ordem nos pensamentos, a compostura nas maneiras, o tino nos negocios, a prenda social de mais estima, o tom da sala, a paz dos povos e a alegria das familias. E' o sustentaculo dos imperios, a directriz reguladora do trabalho, a hygiene no temporal e a sublime sabedoria no eterno.

Sem ella a boa ordem é impossivel,

o tempo perde-se, o merito não se alcança, a justiça perturba-se, a caridade mal se exerce, a temperança é impossivel, a fortaleza passa a ser temeridade, as virtudes todas perdem seu brilho e depressa se offuscam ao sopro pestilente dos vicios.

Eis ali o que a prudencia vale e quanto nos importa conservá-la; mas, para tanto, que cuidados se não tornam necessarios e como poderemos deixar d'andar sempre de sobre aviso com guardas avançadas que nos possam denunciar os perigos que nos esperam para sabermos fugir-lhes, que espionagem de perto e longe de nós para descobrirmos os laços que se nos preparam, para os cortarmos antes d'entrarmos n'elles! E quem taes precauções não toma, vae perder, se o possue, ou nunca virá a conquistar esse precioso thesouro da prudencia. Eis-nos, pois, tambem em campanha constante, se queremos conquistar ou possuir esta preciosa joia.

Sempre em guerra com a violencia das paixões, com os exageros do amor proprio offendido, com a cobiça, que cega, com a ambição, que offusca, com a presumpção, que illude, e a intemperança nos prazeres, que dementa.

Cuidemos de nos armarmos com a oração, que ao reflexo da luz divina deixa ver a miseria humana que nos circunda; com a humildade que, como pouco pretenciosa, com pouco se contenta, vive serena e vae nos pacificos lares onde a prudencia mora; com a abnegação, que, renunciando a tudo o que de Deus não seja, por nada terreno se altera e prudente julga; e finalmente com a divina graça que alumia, dirige e fortifica e que se nos subministra pelos meritos de Jesus Christo na frequência dos santos Sacramentos.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

SECÇÃO HISTORICA

D. Leonardo Brandão

BISPO DE PINHEL

RESCREVEREMOS, ainda que resumidamente, acerca d'este insigne varão que no segundo quartel do presente seculo floresceu na Igreja de Portugal, supposto que por pouco tempo, em consequencia das tristes circumstancias do meio em que viveu.

Foi elle um Bispo exemplarissimo nos poucos mezes que exerceu o cargo prolaticio, como tinha sido um religioso perfeito e um infatigavel missionario apostolico.

Tambem se distinguio como escriptor mystico, e ainda como orador sagrado eloquente e primoroso.

Brillhou pela sua vida exemplar, pelo seu zelo incançavel na salvação das almas, pela sua heroica abnegação no meio dos maiores perigos, pela sua humildade e simplicidade evangelica, por todas as virtudes que constituem um religioso, modelo de religiosos, e um Prelado á altura da sua missão.

Nestas palavras que acabamos de traçar está completamente caracterizado o quarto e ultimo Bispo de Pinhel, o venerando D. Leonardo Brandão.

Nasceu este illustre Principe da Igreja portugueza a 12 de outubro de 1767. Foi seu berço a freguezia de S. Salvador da Varzea, logar do Sobral, do concelho de Arouca. Teve por ditosos progenitores o capitão Manuel Brandão e sua mulher D. Angelica Margarida de Almeida e Souza.

Tiveram estes consortes onze filhos, sendo Leonardo Brandão o setimo na ordem das edades.

Desde a sua infancia se inclinou ao estado ecclesiastico, e entrou na congregação do Oratorio, cujo instituto professou no mosteiro de Nossa Senhora de Assumpção, da cidade de Braga, onde recebeu o grau de Mestre. N'esta famosa casa, que produziu tantos varões conspiciosos em sciencia e santidade, aprendeu Leonardo Brandão o tyrocínio das virtudes que o enalteceram.

Dizem alguns que fôra religioso franciscano da casa do Varatojo; mas a verdade é que foi da congregação de S. Philippe de Nery, professando na cidade de Braga.

Dedicou-se logo ás missões e percorreu, evangelizando, com grande proveito dos fieis, varios pontos do nosso paiz. Porque Leonardo Brandão pré-gava com o exemplo e com a palavra, dois poderosos elementos do fructo do seu ministerio.

Passou depois a Lisboa, onde residiu algum tempo na casa conventual do Espirito Santo, pertencente á sua congregação. Esta casa religiosa foi um viveiro de homens sabios e virtuosos, não menos que a de Braga, da mesma ordem.

D'alli foi chamado ao paço para confessor da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon, esposa de D. João VI, e tambem foi director espiritual de sua filha a infanta D. Maria de Assumpção.

Uma breve pausa. Aquella virtuosa rainha, que fôo calumniada foi pelos sectarios do Liberalismo, teve sempre por confessores sujeitos dignissimos. Entre elles deve enumerar-se o santo Bispo de Bragança, D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara, que falle-

ceu em 1819. Occupou o mesmo cargo o nosso Leonardo Brandão.

Continuemos.

Em 1824 nomeou-o el-rei D. João VI para uma das dioceses do Ultramar, dignidade que elle recusou.

Oito annos depois, isto é em 1832, tendo de prover-se de Prelado a diocese de Pinhel, vaga por fallecimento de D. Bernardo Bernardino Beltrão, recahiu a escolha do principe reinante no P. Leonardo Brandão, que n'aquelle mesmo anno, ou nos principios do seguinte, foi confirmado pela Santa Sé Apostolica.

Outra pausa, e agora com relação ao bispado de Pinhel que se acha extincto já em nossos dias.

Pinhel, que era uma antiga villa, foi elevado á categoria de cidade episcopal em 1770. Este bispado era sufraganeo da Igreja primacial de Braga, e foi formado com algumas egrejas das dioceses de Lamego e Vizeu, e por isso, á falta de constituições proprias, vigoravam as d'aquelles dois bispados nas diversas parochias que d'elles se desmembraram.

A Bulla da creação da diocese de Pinhel foi concedida por Clemente XIV a 10 de julho de 1770, e o alvará regio que a mandou cumprir tem a data de 25 de agosto do mesmo anno.

Pinhel teve só quatro Bispos que são os seguintes:

1.º D. Christovão de Almeida Soares, que falleceu em 1788, depois de sete annos de prelacia.

2.º D. José de Mendonça Pinto Araes, que foi transferido para o bispado da Guarda em 1798.

3.º D. Bernardo Bernardino Beltrão, que falleceu em Lisboa.

4.º e ultimo o nosso D. Leonardo Brandão, que cingiu a mitra em 1832. Fez a sua entrada solemne na cathedral de Pinhel nos fins do anno de 1833.

Prosigamos.

Achando-se em 1833, em Braga, el-rei D. Miguel, chamou alli o novo Bispo de Pinhel, o qual, em seguida, andou visitando e administrando o sacramento da Confirmação por differentes terras do Alto Minho.

Ignoramos qual foi o objecto da sua entrevista com o soberano.

Passados apenas cinco mezes, D. Leonardo teve de retirar ante a invasão liberal, refugiando-se na terra da sua naturalidade, onde, bem como nos concelhos de Cambra e Paiva, por espaço de quasi cinco annos, andou vagando, sempre homisiado e perseguido.

Durante aquella calamitosa epocha do *triumpho da liberdade* (!!!) levantava elle altares nas casas que lhe davam asylo, e alli celebrava ou mandava ce-

lebrar missas, fazendo tambem a occultas algumas ordenações.

Ferido por uma grave doença, veio a cahir no leito, em casa de seu irmão Damaso de Souza Brandão, que residia na aldeia do Sobral; e nem ao menos poderam ser-lhe prestados os socorros da medicina, com receio de que fosse descoberto o seu homisio, e abreviada a sua existencia por algum acto violento do partido liberal dominante.

No dia 28 de abril de 1838 souo emfim para D. Leonardo Brandão a sua ultima hora, vindo a morte liberto do estado atribulado em que por tanto tempo vivia.

A sua familia teve de fazer conduzir os restos mortaes do venerando Prelado, de noite e ás escondidas, á egreja de Varzea, onde se lhe deu sepultura, e ainda actualmente jaz.

Foi D. Leonardo Brandão mui verificado nas sciencias ecclesiasticas, com especial predilecção na theologia mystica. Escreveu e publicou em 1823 uma obrinha cheia de unção, com o titulo *Ramalhete de myrra*, composta dos mais ternos pensamentos e maviosos suspiros da Mãe de Deus afflicta, para contemplar as suas Sete Dóres.

Tambem deu á luz um outro escripto intitulado *Communhão perfeita*.

Por ultimo notaremos que Marques Gomes no seu *Districto de Aveiro*, fallando d'este Prelado, diz que elle nasceu na villa de Arouca. Mas é erro: pois, como dissemos, foi na freguezia de S. Salvador da Varzea, que dista de Arouca 7 kilometros.

Afirmam tambem alguns que fallecera no Porto, quando é certo que foi em casa de seu irmão, na aldeia do Sobral.

Já dissemos que os seus restos mortaes jazem na egreja de Varzea.

D. Leonardo Brandão é um dos vultos mais venerandos do Episcopado portuguez no presente seculo, supposto que foi ephemero seu pontificado.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

O socialismo

I

A manifestação operaria do 1.º de maio teve, especialmente em Lisboa, uma importancia que seria loucura negar, e ineptia desprezar. O cortejo que se dirigiu ao cemiterio dos Prazeres, em homenagem a José Fontana que alli se acha sepultado e que é conside-

rado «o patriarcha do principio socialista em Portugal», foi notavel pelo numero de pessoas que n'elle tomaram parte. O comicio foi igualmente numeroso. Muito concorridas foram tambem as sessões solemnes celebradas por diversas associações, bem como os sa-raus, banquetes, etc.

Disse com verdade o operario Guedes Quinhones, em nome da União 1.ª de Maio, abrindo a serie das discussões socialistas, no cemiterio: «Até hoje tem-se feito um trabalho de propaganda que só não vêem os cegos que não querem vêr e não ouvem os surdos que não querem ouvir.»

Effectivamente não vê nem ouve o governo, ou porque não quer vêr nem ouvir, ou porque o não deixam vêr nem ouvir os cuidados da politica partidaria e mesquinha que o absorvem. As associações operarias, que teem os estatutos legalmente approvados, teem-se convertido em outros tantos focos de propaganda socialista e revolucionaria, que por certo não permitem aquelles estatutos; e o governo não tem tratado de mettel-as na ordem, e de exigir a quem de direito a responsabilidade da transgressão.

Ainda não ha muito que andaram em *missões* socialistas por diversas terras os principaes agitadores do partido: os periodicos que se costumam alvoroçar e indignar contra as missões catholicas e os simples catholicos christãos, ou applaudiram, ou se conservaram indifferentes; quanto ao governo e ás suas auctoridades, deixaram correr o marfim. E, como resultado natural, as grèves com todos os seus excessos e prejuizos teem-se repetido e repetirão.

Tem o governo demittido ou castigado alguns funcionarios, por se haverem por palavras, escriptos ou actos salientado como anti-dynasticos: não diremos que obrasse mal ou que não estivesse no seu direito; mas, se a dynastia faz parte das actuaes instituições, não o faz menos a religião catholica, e o governo deixa dizer, escrever e fazer tudo contra essa instituição mais que todas sagrada. A impiedade ousa tudo contra o catholicismo, mascarando-o de *jesuitismo* e *reacção*. A maçonaria proodia e profana escandalosa e ostentosamente as ceremonias ecclesiasticas (as *exequias*, por exemplo), sem que ninguem lhe vá á mão.

Ainda mais. A audacia, filha da impiedade, vae longe. Não ha muito, no *Seculo*, se annunciava no *Gremio dramatico* 27 de setembro, se não erramos no nome, uma conferencia *anti-religiosa* com entrada publica; e no dia 17, no *centro socialista*, foi apresentada e approvada a seguinte proposta: «Propo-nho que o centro socialista realise

um congresso socialista, nos mesmos dias em que se realice o congresso jesuitico, por occasião das festas de Santo Antonio.»

Ora, terá estatutos approvados o tal *gremio dramatico*? Se os tem, com certeza não lhe permittem conferencias *anti-religiosas*, aliás alheias ao seu titulo. Não os tendo, porque não faz a auctoridade cumprir a lei? Tendo-os e afastando-se d'elles, porque não intervem a auctoridade? Quanto ao centro socialista, tambem não sabemos como possa funcionar ao abrigo da lei, sendo não só contrario ás instituições, senão tambem ás proprias bases sociaes!

Pondo de parte, por hoje, o que os oradores operarios disseram, com respeito á sociedade actual, ás barbas dos representantes da auctoridade, chegando a proclamar a revolução social, limitar-nos-emos a indicar o deploravel estado das massas operarias, no relativo a religião, servindo-nos de base ás informações do *Seculo*.

No comicio

Damaso Diniz, delegado dos conductores e cocheiros. — «Retrata a mulher como martyr e anima os companheiros a impellil-a para a associação, para que prefira os seus principios á influencia do *jesuitismo* (1) . . . O operario vae-se educando nas associações e é preciso que ponha de parte a *egreja* e a *taberna* (2).»

João Soares, delegado da Associação dos carpinteiros civis. — «Não é com centenarios antoninos ou sopas economicas servidas por santas irmãs (3) que se resolve o problema social.»

José do Carmo, representante dos manipuladores de tabaco. — «Insurge-se contra o centenario antonino, obra do jesuitismo colligado com os exploradores da classe operaria (4).»

Tavares Pecegueiro, representante dos manipuladores de pão. — «Ha 1895 annos que o operario lucta pela sua emancipação (5) . . . Invectiva o centenario antonino.»

(1) Já sabemos que *jesuitismo*, na bocca dos impios, *mevres* o *discipulos*, significa catholicismo, religião, fé.

(2) Quanto mais pezer de parto a *egreja*, mais frequentará a *taberna*: é fatal.

(3) Ainda para mais, ingratos á caridade que lhes mata a fome, ou aos seus, por meio d'uma instituição santissima!

(4) Os *mevres*, os impios de casaca, é que lhe ensinaram a lição, plutando-lhe a *Egreja* sempre unida com os oppressores do povo. Ah! *burguezes* corruptos e corruptores, o socialismo, obra vossa, já vos aponta como suas futuras victimas.

(5) Exactamente ha 1895 annos que o Verbo Divino, fazendo-se homem, operario, humilde e submisso, o escolhendo os seus apostolos entre operarios, e humildes, realizou a emancipação operaria, mas a verdadeira e justa.

Luiz de Judicibus. — Insurge-se contra o centenario antonino (6). Verbera a reacção e acaba por levantar um viva ao socialismo.»

Martins Correia. — «Os que não querem augmentar os salarios gastam contos com o centenario antonino (7), contra o qual se insurge.»

Theodoro Ribeiro. — «Condenna o centenario antonino, fazendo sobre o caso varias considerações. . . Recomenda. . . abstenção completa do povo perante o centenario antonino (8).»

Sexões solemnes

Federação das Associações de Classe. — «Usaram da palavra. . . Miranda e Brito, que combateu o jesuitismo: . . . Adelfina Fernandes, pelas costureiras, que se declarou socialista e que acompanhará os socialistas até á revolução social (9); Theodoro Ribeiro, que disse, que quem duvidar de que o socialismo seja em breve um facto, medite no discurso da oradora que o precedeu, visto que a mulher abandona a *egreja* pela associação e faz profissão de fé socialista, e a revolução está breve sendo as mulheres socialistas (10).»

B.

A verdadeira Bernadette de Lourdes

POR

MONSENHOR RICARD, PRELADO DOMESTICO
DA SUA SANTIDADE

Cartas ao sr. Zola

(Continuado da pag. 71)

Mons. Forcade dedica um capitulo inteiro das suas interessantes recordações a esta inclinação da humilde Vidente para a vida obscura e occulta. Não me censure v. ex.^a por lh'o fazer lêr:

«Desde o primeiro dia em que a divina Providencia, collocando Bernadette sob minha auctoridade, se dignou de me constituir seu guarda, tomei a firme resolução de a subtrair absolutamente á curiosidade publica. A Reverenda

(6) Se não houve um *mot d'ordre*, sahido das espeluncas maçonicas, parece-o. Os promotores do centenario-pombalino e do cortejo-guerceia são capazes de tudo.

(7) Já sabemos que, se infelizmente chegar a occasião, tambem por cá teremos *furias da guilhotina* ou *petroleiras da communa*. A que não leva a aberração religioso-moral?

(8) Disso a verdade: quando, além do homem, tambem a mulher perde a noção da religião e por consequente da moral, a corrupção é profunda e enorme, e a revolução com todos os seus horrores é um resultado logico. Diga-o a França do 1793.

Madre superiora geral pensava absolutamente como eu a este respeito, e a humilde menina que nos fôra confiada desejava tambem subtrair-se a todos os olhares. A sua principal inclinação era manifestamente pela vida occulta.

«Mas algumas vezes nos foi necessario animo e energia, principalmente nos primeiros tempos da sua permanencia em Nevers, para resistir ás importunas instancias de numerosos visitantes que desejavam conversar com ella, ou, pelo menos, vê-la. Frequentes vezes nos era doloroso recusar esta consolação a pessoas que nos pareciam muito respeitaveis, algumas das quaes vinham de muito longe e misturavam as suas lagrimas ás supplicas. Ceder, seria tornar toda a vida religiosa impossivel, não só para Bernadette como para a comunidade; ainda que nos custasse, permanecemos inflexiveis.

«Receavamos, além d'isso, outros inconvenientes, que não seriam menos graves. Avalie-se pelo facto seguinte, que parecerá fabuloso e, comtudo, é exacto.

«Não tinha Bernadette ainda terminado o seu noviciado, quando um bello dia se apresentou á porta do convento um joven, elegantemente vestido e de porte distincto. Em tom um pouco desenvolto, ainda que delicado, pediu para a vêr, como se se tratasse da coisa mais simples d'este mundo. A Irmã porteira respondeu-lhe que para isso era preciso a minha permissão, e que inutil seria pedir-m'a, porque eu a não concedia a ninguém.

«Mas—minha Irmã—é d'absoluta necessidade que eu veja já-já Bernadette para lhe fazer uma communicação importantissima. Annuncie-me á Madre superiora geral que, por certo, se não mostrará inexoravel. Sou o conde de X.

«E declinou um nome conhecido.

«A Madre superiora consentiu em receber esta alta personagem, e pediu-lhe que dissesse o motivo da sua visita.

«Trata-se, senhora, d'una questão tão delicada que só posso fallar d'ella á Bernadette.

«Deve v. ex.^a comprehender, sr. conde, que me é rigorosamente impossivel pô-lo em relação com ella: se v. ex.^a me não dá, ao menos, uma ideia summaria da natureza do que lhe quer dizer.

«E' precisamente a natureza da questão que me não permite explicar-me com Vossa Caridade. Tudo o que posso dizer-lhe é que o negocio de que me quero occupar é para ella, bem como para mim, de muito interesse.

«Se v. ex.^a me não pôde dizer mais, sinto muito, mas não verá Bernadette.

«Mas, senhora. . .

«—Como! v. ex.^a pretende que...

«—Vossa Caridade assume grave responsabilidade, muito mais grave do que imagina!

«—Maior a assumiria se cedesse ás instancias de v. ex.^a

«Elle, com ar sobremaneira indignado:

«—Senhora!...

«—Sr. conde, é absolutamente inutil a insistencia.

«O conde, depois d'um momento de irritação:

—Visto como é necessario dizel-o, dil-o-ei a Vossa Caridade. Quero casar-me, e parece-me que ninguem pôde levar-m'o a mal, e como a minha posição e a minha fortuna me dão ensejo de escolher á minha vontade, depois de ter reflectido maduramente, decidi offerer a minha mão a Bernadette.

«—Mas v. ex.^a está sonhando!

«—Não, não sonho, senhora; ao contrario, reflecti muito antes de me resolver. Em primeiro logar, da parte de Bernadette não ha nenhuma impossibilidade, visto como ella ainda não fez os votos, e, pela minha parte, só tenho que orgulhar-me com tal alliança. Temos excellentes allianças na nossa familia; todavia seria a primeira com uma pessoa favorecida com apparições da Santissima Virgem. Seria para mim muito lisongeiro introduzir este novo elemento de nobreza na nossa casa.

«—Parece-me uma brincadeira de mau gosto.

«—Não, senhora, eu não brinco de modo algum. Com quanto eu seja bom christão, reconheço sem custo que não sou digno de tão santa alliança; mas, que quer? nos contractos de casamento, como n'outros quaesquer, as vantagens e as desvantagens contrabalançam-se. Eu tenho nome, titulo e fortuna; ella nada tem d'isto: eis o que equilibra o fiel da balança.

«—Mas por quem nos toma v. ex.^a e que ideia faz da propria Bernadette? Como pôde v. ex.^a imaginar que esta joven consentiria em casar-se, no momento em que Deus a chama á vida religiosa?

«—A minha proposta será precisamente a prova da sua vocação. Se ella a acceptar, facil será a Vossa Caridade concluir que a sua vocação era fraca; se a não acceptar, ficará Vossa Caridade certa de que ella a tem em alto grau, sem esquecer que esta recusa augmentará singularmente os seus meritos perante Deus e os homens.

«—Basta, senhor, basta; se foi para isso que v. ex.^a aqui veio, emprehendeu uma viagem inutil. Tenho a honra de o cumprimentar.

«E ao retirar-se um pouco embaraçado, disse:

«—Espero, senhora, que ao menos

lhe fallará de mim e lhe fará conhecer as minhas generosas intenções. Antes de fazer os votos, é necessario que ella saiba o que perde.

«Este original teve ainda a ingenuidade d'escrever, alguns dias mais tarde, á superiora geral a perguntar-lhe qual o effeito produzido em Bernadette pela sua proposta. E' claro que não obteve resposta e assim terminou a aventura.

«Espero que baste este curioso episodio para me justificar da censura de excessiva severidade, que mais d'uma vez me foi dirigida. As unicas personagens que eu admittia, não só sem difficuldade mas com prazer, eram os meus veneraveis collegas no episcopado. Ligava naturalmente muita importancia ao juizo que elles podiam fazer *de visu* acerca da nossa querida Bernadette.

«Tive a satisfação de a pôr successivamente aos pés de Sua Eminencia o Cardeal Donnet, do Snr. Nuncio Apostolico, que era então Mons. Chigi, e d'alguns outros Bispos. Em todos, sem excepção, produziu ella a mais favoravel impressão, e nunca notei que a benevola attenção, de que era objecto da parte d'estes Principes da Egreja, prejudicasse a sua humildade. Mostrando-se sempre muito respeitosa, continuava a ser tão simples e tão natural na presença d'elles como na do commum dos mortaes.

«Vendo eu um dia que um elevado Prelado ficára como em extasis deante d'ella, temi que ella o conhecesse, e disse-lhe bruscamente e em tom secco: «Por que espera? O Prelado já a viu: nada mais é necessario.» Ella retirou-se immediatamente sem dizer palavra, sem mostrar pezar e até a sorrir.»

Já fiz passar sobre os olhos de v. ex.^a a narrativa da visita de Mons. Landriot. Na obra do snr. Lasserre pôde v. ex.^a lêr a da visita de Mons. Dupanloup.

Sobre esta ultima, vou offerer a v. ex.^a novas informações, que nos conservou o fallecido Arcebispo d'Aix:

«No dia 16 d'abril de 1872, das 4 para as 5 horas da tarde, apresentou-se só e humildemente á porta do convento um velho sacerdote de porte ordinario, que usava um velho chapéu, ao hombro uma coçada murça e debaixo do braço um velho guarda-chuva. Pediu para vêr Bernadette.

«A Irmã porteira respondeu-lhe, como de costume, que era necessario a minha permissão, que se não podia obter por que eu andava em visita, e que, demais, eu a não concedia senão aos Bispos.

«—N'esse caso não ha duvida—respondeu o velho—eu sou o Bispo d'Orleans.

«Ouvindo isto, a Irmã, muito admi-

rada, mandou-o entrar para o locutorio e foi apressadamente prevenir uma das assistentes. A porteira usou a seguinte linguagem:

«—Está á porta um velho sacerdote, que pede para vêr a Irmã Maria Bernarda e diz que é o Bispo d'Orleans. Mas elle não tem a apparencia de Bispo; está tão mal vestido!»

Fazemos por alto a descripção pittoresca, mas talvez um pouco prolixa, do homem e do seu vestuario. Contentem-se com a quinta essencia do discurso.

A duvida da porteira assalta tambem a assistente; custa-lhe a crêr que o celebre Bispo d'Orleans venha só e tão desprovido d'equipagem.

«Procura no seu quarto a superiora geral, expõe-lhe o caso e pergunta-lhe o que deve fazer. A superiora inquietase, e receia igualmente, devido á incerteza, conceder ou recusar a admissão.

«Entretanto decide-se, depois d'alguns momentos d'hesitação, a permittir que o desconhecido veja a Irmã Maria Bernarda, mas recommendando á assistente que o não abandonasse um só momento.

«Esta prudente ordem foi rigorosamente observada até ao fim da visita. Só no dia seguinte é que foi certificada a identidade do visitante.

«Tão frio acolhimento não desnoiteou Mons. Dupanloup. Com o seu ardor ordinario e a sua bem conhecida tenacidade, submetteu Bernadette a longo e rude interrogatorio, e não a abandonou senão depois de ter sabido tudo o que queria.

«Por fim levantou-se e perguntou á assistente se não era possivel darem-lhe hospitalidade n'aquella noite em qualquer dependencia do convento ou em casa do capellão. Responderam-lhe que era impossivel e retirou-se.

«Temos a certeza que elle saiu satisfeito da sua entrevista com Bernadette, e que as suas convicções acerca do milagre de Lourdes, se ainda não estavam definitivamente estabelecidas, o foram a datar d'aquelle momento.

«O excellento Prelado foi á tarde pedir hospitalidade ao Bispo. Informou-se com o meu secretario, que na minha ausencia fazia as honras da casa, acerca do que eu pensava a respeito de Bernadette, e tendo-lhe este asseverado que eu tinha plena fé na sua sinceridade e na verdade das suas asserções:

«—Tambem eu—replicou elle—e muito folgo de me achar n'esta questão de pleno accordo com o vosso Bispo.»

«Esta simples affirmacção, tão explicita quanto possivel, acrescenta a tantos outros testemunhos o d'um homem que gosa d'autoridade, não sómente na Egreja, mas no mundo.

«Entretanto nenhum testemunho, po

consideravel que seja, valerá tanto como demonstração como o verdadeiro retrato da humilde virgem de Lourdes. Onde se encontrará uma mão assás habil e assás piedosa para nol-a retratar, tal como eu a conheci e como ella era?...

Não será isto bastante, senhor, sobre este assumpto?

Creio na verdade ter dito assás para convencer o espirito mais rebelde e auctorisar-me com a evidencia em favor da conclusão que tiro do excellento livro, tão consciencioso e tão sincero, do dr. Boissarie, que v. ex.^a conhece. Fallando do seu collega o dr. Balencie, que hoje é um convicto depois de se ter por muito tempo recusado a reconhecer o sobrenatural, que não admitiu, como o Apostolo S. Thomé, senão depois de ter posto o dedo sobre a realidade, que tocou e verificou scientificamente bastas vezes, o dr. Boissarie lembra um incidente da peregrinação, a que v. ex.^a assistiu.

«Durante as ultimas peregrinações —diz elle— procurava-se crear uma lenda sobre Bernadette no meio do auditorio não selecto que nos rodeava, auditorio em que os homens de lettras e os correspondentes de jornaes estavam em maioria: ella era a victima, a joven sequestrada. Tinham-n'a mandado viver e morrer longe do theatro da gloria.

«Vimos o nosso collega levantar-se bruscamente e fixar a vista sobre os seus interlocutores, e com a sua palavra, cheia d'auctoridade, e com essa firmeza que dá uma convicção absoluta:

«— Bernadette sequestrada! — disse elle. — Mas isso é pura invenção, é o contrario da verdade! Todo o mundo a podia vêr; a toda a hora podiam perguntar por ella e contemplal-a. Se os senhores a tivessem procurado, ninguém lhes recusaria que a vissem.

«Eu era medico do hospital e bastas vezes tive d'intervir para proteger a sua saude ameaçada. Abusavam das suas forças. Se ella não tivesse ido para a communitade, teria morrido. Comtudo foi de livre vontade que ella partiu e quiz viver e morrer longe de Lourdes.»

(Continúa).

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Baptismo dos herejes que se convertem ao Catholicismo.

Perguntou-se se quando, depois de diligente indagação sobre o valor do

baptismo conferido por um ministro hereje, só se houvesse podido averiguar que aquelle ministro era anglicano, cuja seita presereve materia e fórma validas, basta este facto para induzir presumpção de validade do sacramento, de maneira tal que, para que se possa conferir licitamente o baptismo *sub conditione*, seja indispensavel pôr em evidencia a sua nullidade com provas positivas, ou pelo contrario, se deve reputar-se nullo aquelle baptismo, de modo tal que o sacerdote, rebaptizando n'aquelle caso *sub conditione*, não incorra em irregularidade.

Na Congregação geral da Santa Romana e Universal Inquisição, celebrada ante os Em.^{mos} e Rev.^{mos} Cardeões da Santa Igreja Romana, inquisidores nas coisas de fé, propostas as ditas duvidas, os mesmos Em.^{mos} e Rev.^{mos} senhores, ouvido o parecer dos Consultores, resolveram o seguinte: Leia-se o decreto *in Romana* de 20 de novembro de 1878; emquanto á irregularidade, attendendo ao exposto, não se incorreu n'ella. O dito decreto foi o seguinte: Proposta a duvida se deve dar-se o baptismo *sub conditione* aos herejes que se convertam á fé catholica, seja qual fór o paiz de que procedam e a seita a que pertençam, os Em.^{mos} respondem: *Negativamente*. Todavia na conversão dos herejes, seja qual fór a sua procedencia quanto ao paiz e quanto á seita, ha que averiguar a validade do baptismo que receberam na heresia; examinado o caso de cada vez, se o baptismo é nullo, deverão baptisar-se *absolute*; se, em consequencia da razão dos tempos e logares, nada se desdobre que possa dar a conhecer a sua validade ou nullidade, ou ha provavel duvida da validade, devem baptisar-se *sub conditione*; por ultimo, se se averigua que foi valido, devem receber-se só com a abjuração dos seus erros e a profissão da fé.

Questão sobre espolios

O Bispo de Parma, depois d'instituir herdeiro universal, legou ao seu successor uma cruz peitoral com perolas, um anel precioso e um barrete pastoral; ao arceypriste uma cruz com cadeia d'oiro; ao reitor do Seminario uma casula branca; ao Seminario de Parma e ao de Bereeto metade dos ornamentos; ao Vigario geral um calix de prata, e ao secretario uma estola. Deixou dito no testamento que todos os utensilios d'oiro e prata, e os sagrados ornamentos eram sua propriedade particular, procedentes de donativos que lhe haviam feito ou d'aquisições feitas com

peculio seu e não com rendas ecclesiasticas.

A junta da Fabrica cathedral, composta de dois conegos e de dois conselheiros municipaes, não julgou validos os ditos legados, por se julgar com direito, por espolio, a todos os ornamentos, alfaias e vasos sagrados que formam o enxoval episcopal, ou a vulgarmente chamada *Capella do Bispo*, fundando este direito n'um costume antiquissimo e na Constituição *Romani Pontificis* de S. Pio V.

Promovida a questão, o herdeiro recorreu em 21 d'agosto de 1882 á Sag. Cong. do Conc. solicitando que se declarasse o que fosse conveniente ácerca da validade dos legados feitos pelo Bispo.

Allegados simplesmente os direitos da Fabrica e os dos legatarios, propoz-se a seguinte questão:

Se são validos, e quaes são, os legados feitos pelo Bispo.

A dita Sag. Cong. respondeu em 19 de janeiro de 1884: *Afirmativamente em absoluto, et amplius.*

DEDUÇÕES

1.^o Do capitulo 1.^o sobre os *Testamentos*, infere-se que os clerigos podem fazer testamento de todos os bens que não sejam rendas ecclesiasticas, por exemplo, os que procedem de herança paterna, ou de quaesquer outros parentes, ou de doações.

2.^o Muitos canonistas crêem que S. Pio V só applicou a anterior disposição canonica aos sagrados ornamentos e pontificaes. Dispöz, segundo elles, na sua Constituição *Romani Pontificis* só dos pontificaes adquiridos com rendas beneficicias; porém não dos adquiridos com rendas procedentes de patrimonio ou peculio particular.

3.^o Esta doutrina confirma-se com a Constituição *Cum illud* de Pio IX, cujo fim foi resolver todas as duvidas e controversias que se suscitassem ácerca d'este particular. Decreta que não se devem ás cathedraes os utensilios e ornamentos adquiridos com bens ou rendas não pertencentes á Igreja, e que não conste que foram doados á mesma.

4.^o Em vista de tudo isto, os legados feitos pelo Bispo de Parma foram validos por haver disposto de coisas doadas ou adquiridas com o seu peculio, ficando assim excluidas do espolio a favor da cathedral.

SECÇÃO LITTERARIA

A Oração da Manhã

Levanta-te, mortal, inda tens vida!
 Mais uma aurora bella
 A gosar, trabalhando, te convida;
 E o pae, que por ti vela,
 Quer ver-te grato receber o dia,
 Disposto a trabalhar com energia.

Elle fez que não fosse dura, eterna,
 A languidez escura
 Do teu somno, da morte na caverna;
 Essa alma, nobre e pura,
 Levanta para Deus, fervente, agora,
 E, grato ao seu favor, seu nome adora.

Diz-Lho assim:—Padre nosso omnipotente
 No céo, onde, piedoso,
 Vos mostraes compassivo e providente,
 Sómente teroi goso;
 Mas folgo quando vejo ser honrado
 Vosso nome, Senhor, sempre adorado.

Vós, o supremo Rei dos sores todos,
 Sem vos faltar parcella,
 E que reinaes por mil perfeitos modos
 Na vossa imagem bella,
 Nesta alma racional reinar já viudo
 E todo o coração que assim vos brindo.

Mas vinde por amor reinar, amante,
 Nos filhos desterrados:
 Todo o homem as bondades vossas canto
 Quebrando d'outros ados
 Estatuas, que Satan aqui levanta
 A vossa loi depois guardando santa.

E vós, Senhor, em bondades rico,
 Dao-nos total sustento;
 Graça, virtude, sciencia vos supplico
 E o pão, o mantimento
 D'este corpo mortal, que morrória
 Sem o sustento tor de cada dia.

As dividas perdoae, Senhor clemente,
 Nossas, que são tamanhas,
 Como nós apagamos cordialmente
 Estas mesquinhas sanhas
 Da offensa fraternal sempre fluctuante
 Na triste condição do viandante.

Apartae nos, Senhor, de quanto possa
 A' prova pôr virtudes
 Da grande e natural fraqueza nossa
 Para combates rudes,
 Insufficiente sempre como humana
 Sem a protecção vossa soberana.

Se quizerdos, Senhor, vos demos gloria
 Entrando em combate;
 Vinde vós, como Pae, com a victoria
 Da graça n'um embate
 Que confunda dos nossos inimigos
 O poder e nos salve nos perigos.

Livrae-vos, como Pae, de tantos males
 Que nos esmagam rudes
 Do mundo corrompido n'estes vales
 Cruzados por açudes
 D'invojas e olhos d'infornal vingança
 E rios d'avareza e intemperança.

Fibra a fibra, Senhor, o corpo inerte
 Temperae-me com fogo
 De vida conductor que me diverte,
 Bem mais que ocioso jogo,
 O trabalhar, Senhor, até à morte,
 Inda que fraco, remedando ao forte.

D'esta alma, vossa imagem rica e nobre,
 Fazei que estimo o brilho
 E se, turvo estiver, que eu o recobra
 Sem medo do empecilho
 Da soberba, que nos homens vejo que arde
 E d'um genio viril faz um cobarde.

Apoz de vós estas potencias minhas
 Que girem sem descanso,
 Calcando da paixão prendas mesquinhas,
 Pois não topel romanso
 De prazer nas delicias d'este mundo
 Onde onço um echo de pezar profundo.

E vós, Maria, sempre rica e bella,
 E Mãe dos peccadores,
 Livrae-nos de ser presos na procolla
 De peccados e dôres
 D'esta humana malicia consequencia
 Em que tantos vão indo por demencia.

E que corra nas horas d'este dia
 O vosso pobre servo
 Após o anjo, que Deus lho deu por guia
 Para o livrar do Averno,
 E quando chogua a noite fria, escura,
 Sinta do vosso amor essa ternura.

Vou trabalhando, meu Deus, n'este dia
 Para vossa honra e minha
 A' luz da vossa loi com alegria,
 Sempre na vossa vinha
 Para d'elle gosar a boa memoria
 Nos dias d'esta vida e no da gloria.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Recebemos — *Tratado da verdadeira devoção á Santa Virgem* por Luiz Maria Grignon de Montfort, missionario apostolico, fundador da Congregação Marianna de St-Laurent sur Sevre, versão portugueza da 6.^a edição por Francisco do Valle Coelho Cabral. Com approvação do Em.^{mo} Snr. D. Americo, Cardinal Bispo do Porto.

E' um livro d'ouro, no qual as almas amantes da Santissima Virgem encontrarão saboroso pasto para a sua devoção á Mãe de Deus. O auctor diz: «Deus quer que a sua Santissima Mãe seja presentemente mais conhecida,

mais amada, mais honrada do que nunca o foi; o que com certeza acontecerá, se os predestinados entrarem, com a graça e a luz do Espirito Santo, na pratica interior e perfeita que eu vou descobrir.»

Estas palavras não podem deixar de interessar a piedade, e d'inspirar um vivo desejo de aprender d'elle esta pratica tão excellente para honrar a Santissima Virgem. Diz isto o editor, e dil-o mui acertadamente.

A obra foi revista pelo rev.^{mo} dr. Conego Theotónio Manuel Ribeiro Vieira de Castro, que diz d'ella:

«N'esta obra justifica-se a excellencia d'uma inteira e perfeita consagração das almas á Jesus Christo por intermedio da SS. Virgem Maria, e mostra-se o valor e poderosissima efficacia da mediação da mesma soberana Senhora perante seu divino Filho. Tal doutrina é n'esta obra exposta segundo os principios da Theologia Catholica.»

O elogio da obra está feito pelo abalysado professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario do Porto.

A obra, que consta de 190 paginas, custa 200 réis. Ao seu benemerito editor, sr. Antonio Dourado, agradecemos os exemplares com que nos brindou.

Recebemos o *Manual das Juntas de Parochia* por L. Bettencourt. E' uma obra não só necessaria, mas indispensavel a estas corporações. O governo lançou para o cesto dos papeis inuteis o decreto do snr. Dias Ferreira sobre estas juntas, decreto que lhes tirou todas as attribuições, e repoz as juntas quasi na mesma situação anterior ao decreto de 6 d'agosto de 1892, dando-lhes para presidente nato o parcho. Esta nova situação requer um pessoal habilitado a satisfazer todos os serviços publicos que lhe sejam commettidos em beneficio da parochia; e para aplanar ou facilitar o desempenho d'esses serviços, tornando-os methodicos e uniformes em todo o paiz, serve muito bem o *Manual das juntas de Parochia*, a que nos estamos referindo.

Este livro custa 800 réis em brochura e 15000 réis encadernado.

Agradecemos a offerta aos editores snrs. Souza Brito & C.^a

SECÇÃO ILLUSTRADA

Faça-se a luz!

(Vid. pag. 79)

ESTA gravura representa uma das provas a que é submettido o aspirante mação ao grau de aprendiz.

O Irmão Terrivel traz o neophyto pelo braço até á porta do templo maçónico. Ao entrar, diz-lhe :

—Estendei bem a perna; ha aqui um pequeno fosso para saltar.

Entram. Todos guardam o mais profundo silencio.

O 2.º e 1.º vigilantes, successivamente:—O profano está entre columnas.

Fecha-se a porta sem ruido, por detraz do neophyto. O grande experto mette-lhe ao peito nu a sua espada.

Veneravel. — Profano! que sentis sobre o peito? que tendes em cima dos olhos?

A resposta é soprada ao profano pelo Irmão Terrivel.

Neophyto. — Uma espessa venda me cobre os olhos, e sinto sobre o seio a ponta d'uma arma.

Veneravel. — Senhor, esse ferro, sempre erguido para punir o perjurio, é o symbolo do remorso, que vos dilaceraria o coração, se, por desgraça vossa, viesseis a ser traidor á sociedade. em que pretendeis entrar; e a venda, que vos cobre os olhos, é o symbolo da cegueira, em que jaz o homem dominado pelas paixões, e mergulhado na ignorancia e superstição.

A esta, seguem-se as restantes provas, verdadeiramente ridiculas, como se pôde ver nos *Mysterios da Franc-Maçonaria*, de Leo Taxil.

* *

Santo Antonio de Lisboa

(Vid. pag. 89)

A nossa gravura representa Santo Antonio, o grande Thaumaturgo, um dos santos mais queridos ao coração dos portuguezes. Opportunissimo é fallar d'este grande santo, visto que Portugal se prepara para commemorar-lhe o setimo centenario.

Nasceu Santo Antonio em Lisboa, em 1195, recebendo no baptismo o nome de Fernando.

Seus paes, que á nobreza de sangue alliavam a maior piedade, deram a seu filho uma educação consoante os seus sentimentos. O joven Fernando correspondeu maravilhosamente aos esforços de seus mestres. O nosso santo entrou como pensionista na comunidade dos conegos da cathedral de Lisboa.

Alli progrediu muito nos estudos das sciencias divina e humana, vindo a ser dentro em pouco, como diz um seu biographo, santo e sabio.

Aos quinze annos, querendo fugir do mundo, que tantos perigos offerece, entrou para a comunidade dos conegos regulares de Santo Agostinho, em S. Vicente, um dos bairros de Lisboa.

Alli tornou-se notavel pela sua piedade e sabedoria, servindo de modelo aos seus companheiros.

Depois de varias peripecias que seria longo enumerar, Antonio foi mandado a Forli para receber ordens, encontrando-se alli com muitos jovens dominicos, que iam com o mesmo fim e se achavam alojados no convento de S. Francisco.

O guardião pediu aos Padres, após a refeição, que dirigissem algumas palavras á comunidade; e, tendo-se os Padres recusado, por humildade, a acceder ao pedido do guardião, este ordenou a Frei Antonio que pregasse. Obedeceu, e o seu improvisado foi tão eloquente, que toda a comunidade se queixou ao superior de ter deixado esquecido em Monte-Paulo um talento tão pujante. O superior escreveu então a S. Francisco, que ordenou que, antes que Antonio se entregasse á predica, estudasse a theologia escolastica. O santo adquiriu tanta sciencia em pouco tempo, que o seraphim d'Assis lhe ordenou que ensinasse publicamente.

Antonio obedeceu, e ensinou theologia em Bolonha, Montpellier, Verceuil, Tolosa e Padua. Desnecessario será dizer que se desempenhou admiravelmente da missão. Se foi um mestre habil, foi tambem, e principalmente, um zeloso missionario, um fervoroso apostolo, que tão necessario era n'aquelles tempos, em que campeava infroneamente a licença dos costumes.

Os seus primeiros sermões causaram tanta sensação que de longe corriam a ouvi-lo. Já as egrejas não bastavam para conter os fieis: Antonio viu-se obrigado a prégar ao ar livre.

Os seus sermões eram sempre interrompidos por gemidos e prantos e seguidos d'immensas conversões. Pecadores publicos e dos mais escandalosos vinham lançar-se-lhe aos pés, pedindo perdão e promettendo emenda de vida. Era um espectáculo commovente, como raro o mundo presenciava! Eram tantas as confissões, que não chegavam os Padres regulares e seculares para as ouvirem. As conversões foram immensas por toda a parte onde Santo Antonio prégo: nos Estados Ecclesiasticos, na Marcha Trevisana, na Provença, no Languedoc, no Lيموسin, em Velay, em Berry, na Sicilia, em Roma e em Padua.

Deus concedeu-lhe o dom dos milagres. Foram tão numerosos os que operou, que excedem tudo o que até então se tinha visto pela qualidade e pelo numero.

Não nos propomos narral-os, porque não nol-o permite o minguado espaço de que dispomos. Citaremos apenas um, dos mais notaveis. O Santo subiu ao pulpito n'uma cidade onde ha-

via muitos herejes e libertinos, situada á beira-mar. Ninguem o quiz ouvir. Então o Santo, cheio de confiança e de fé, dirige-se á praia, volta-se para os peixes do mar, e falla-lhes assim:

«Visto como os homens recusam ouvir a palavra de Deus, vinde vós, creaturas do Senhor, vinde confundir por vossa submissão a indocilidade d'estes impios.» E, ao pronunciar taes palavras, as aguas coalharam-se de peixes. Então Antonio fez um commovente discurso sobre a omnipotencia de Deus. Em seguida, dando-lhes a benção, despediu-os. Este milagre tão estupendo converteu toda a cidade.

Tudo n'elle respirava santidade. Bastava a sua presença para desarmar os mais endurecidos e peccaminosos.

Se os peccadores lhe mereciam tantos disvelos, não descurava tambem os interesses da sua ordem. Depois da morte de S. Francisco foi eleito geral, como é sabido, Frei Elias, que não tinha nem a virtude nem o espirito do seraphim d'Assis, começando-se a introduzir na ordem a licença e a relaxação. Era provincial da Romanha Santo Antonio, que se oppoz aos desatinos do novo geral, recorrendo para o Papa Gregorio IX, na presença do qual defendeu o compendio da santa regra, que se chama o «Testamento de S. Francisco.» Chamado a Roma Frei Elias, foi demittido do seu cargo. Por essa occasião, Santo Antonio obteve permissão de Sua Santidade para renunciar ao seu cargo com privilegio de nunca o poderem eleger para quaesquer outros.

Gregorio IX quiz conserval-o junto a si para o ter como conselheiro nos negocios da Egreja; porém o Santo, que ardentemente suspirava pela solidão, obteve licença para se retirar ao seu convento de Padua, onde continuou a prégar e onde terminou muitas obras de piedade uteis á Egreja.

Aos trinta e seis annos, tendo uma saude muito delicada e gasta por continuas austeridades, tinha percorrido a França, a Sicilia, a Italia e a Hespanha com tanto fructo, que enchera o mundo de suas maravilhas. Só um ardente amor por Jesus Christo podia fazer tal milagre!

O Santo tinha o sublime dom da contemplação, pois lhe eram familiares as apparições, as visões e os extasis. Um dia um hospede, levado pela curiosidade, espreitou o que o santo fazia, e viu-o de joelhos no seu quarto com o Menino Jesus, que o acariciava. Este grande favor tem dado logar á maior parte das oleographias e imagens do Santo.

Quem tanto amava o Filho, não podia deixar d'amar a Mãe: e a prova está nos seus escriptos, nos seus ser-



SANTO ANTONIO DE LISBOA

mões e nas suas conversas familiares, em que a devoção para com a Mãe de Deus transluz sempre.

Tendo revelação da sua proxima morte, retirou-se ao eremiterio de Campietre, a uma legoa de Padua, afim de se occupar apenas de Deus. O seu retiro não foi, porém, longo; porque, vendo que se aproximava a sua derradeira hora, pediu aos frades, que estavam com elle, que o transportassem ao convento. Fizeram-lhe a vontade; mas o povo, tendo noticia do seu regresso, correu em massa ao seu encontro. Com receio de que esmagassem o Santo, metteram-no no hospicio dos confesores das religiosas de Santa Clara, onde, depois de receber os ultimos sacramentos, pronunciando o hymno da Virgem: *O gloriosa Domina*, descançou no

Senhor aos 13 de junho de 1231, tendo 36 annos d'idade e dez depois da sua entrada na ordem de S. Francisco.

Apenas se soube a noticia da sua morte, toda a cidade se cobriu de lucto; e os meninos iam pelas ruas gritando: «Morreu o santo! morreu o santo!»

Os muitos milagres que obrou durante a vida e os que se realizaram no seu tumulo, levaram o Papa Gregorio IX a proceder ás necessarias informações para o processo da sua canonisação. O negocio correu veloz: o Papa expediu a bulla em Spoleto a 1 de junho de 1232.

Trinta e dois annos depois da sua morte, os habitantes de Padua mandaram edificar em sua honra uma magnifica igreja, sendo para lá transferidas as suas reliquias. Ao abrirem o tumulo,

as carnes acharam-se consumidas; mas a lingua estava tão fresca e vermelha, como se o corpo estivesse vivo.

As reliquias d'este santo tem sido largamente distribuidas. Em Lisboa guarda-se o osso d'um de seus braços, enviado a el-rei D. Sebastião em 1510. Em Padua, em dois preciosos relicarios, estão a lingua e o queixo inferior do santo, reliquias que já t-ve a consolação de ver quem estas linhas escreve. Uma outra parte do braço está em Veneza sobre o magnifico altar que a republica mandou erigir em honra de Santo Antonio na igreja de Nossa Senhora da Saude.

Os fieis recorrem a este grande Santo em todas as necessidades e principalmente para achar coisas perdidas. Não se sabe o que deu logar a que os

povos se dirigissem singularmente a este Santo em taes occasiões. Um biographo diz que é possível que haja sido a immensidade de milagres que Deus faz todos os dias por sua intercessão.

Em breves dias, Portugal celebrará o setimo centenario d'este thaumaturgo. Contribuamos todos nós, que nos honramos de ser catholicos, e principalmente todos nós que pertencemos á Ordem de S. Francisco, para que esta commemoração seja o mais luzida e christã possível. Onde as circumstancias não permittam festejos d'egreja com esplendor, façamol-os sem luzimento, humildemente, com toda a devoção, dando-nos ao Santo de todo o coração; aproximemo-nos da Sagrada Mesa e promettamos continuar a ter vida christã, porque d'este modo commemoraremos dignamente o setimo centenario do Santo. E estejamos certos que não será esta uma das commemorações menos agradaveis a Santo Antonio, que, abrazado em amor de Deus e do proximo, passou toda a vida a prégar a Jesus Christo e a arrancar almas a Satanaz para as offerrecer a Deus.

RETROSPECTO

O centenario de Santo Antonio e Leão XIII

Eis a carta que S. S. Leão XIII enviou ao Em.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, a proposito da celebração do centenario antonino:

Amado Filho, saude e Benção Apostolica.—Entre os preclarissimos varões, cujas virtudes e façanhas crearam a Portugal um nome immortal, deve justa e honrosamente contar-se a Antonio, que pelo logar da sua morte é chamado de Padua. A fama de seus prodigios, divulgando-se por toda a parte, engrandeceu entre todas as nações a gloria do nome portuguez, da qual a maior parte pertence a Lisboa, que entre seus illustres filhos enumera este varão santissimo. Com razão, pois, decretastes grandiosas festas ao glorioso Santo, as quaes, ainda que todos os annos solemnes, aprouve comtudo á vossa piedade tornar este anno solemnisimas. Por este motivo foi com prazer que chegou ao Nosso conhecimento a noticia das demonstrações de alegria religiosa e civil que com este fim se prepararam. E alegre-Nos particularmente o saber que os homens mais illustres e as damas da primeira nobreza trabalham com ardor e cuidado para dar

esplendor aos festejos, em que tomam parte os magistrados do governo, não só consentindo mas tambem favorecendo.

N'este ardor, porém, da vossa nobilissima nação, consola-Nos principalmente o antever n'elle o augmento da Religião, d'onde vos é dado esperar as maiores felicidades e prosperidades. Pois que o povo portuguez, como evidentemente o testifica a historia, nunca foi grande e illustre em suas obras sem a Religião, e á mesma altura se elevaram sempre a prosperidade civil e o esplendor e observancia da Religião de seus avós. Todavia entre tudo quanto tendes planeado para engrandecer a celebridade das festas, julgamos que muito avisada e sabiamente pensaes em reunir em Lisboa um Congresso Catholico Internacional. Porque, além do muito que aproveitarão, para animar os espiritos, o exemplo e conselhos dos varões estrangeiros que pugnam denodadamente por Deus e pela Egreja, são muito importantes as questões que vos propuzestes tratar, a saber: o radicar a fé nos corações, o multiplicar os institutos para a educação da juventude e para proteger as associações de operarios, o promover a liberdade da Egreja, e inocular profundamente nos corações o respeito pelo Vigario de Jesus Christo.

Confio portanto, que Antonio, que com tão desvelado affecto ama o seu querido Portugal, não só ha de aceitar as honras que se lhe preparam, mas tambem olhará benignamente para seus concidadãos, e accenderá em seus corações o mesmo fogo de que elle foi abrazado pela defeza da Egreja. Nós, no entanto, Amado Filho, para que tudo vos succeda prospera e felizmente, e em especial para o bom exito do Congresso Catholico, como prova do amor que consagramos aos Portuguezes, vos damos affectuosamente no Senhor a benção Apostolica, e em especial a Sua Magestade o Rei Fidelissimo, e a toda a Familia real, depois aos Prelados sagrados, a todo o clero e povo.

Dada em Roma, junto a S. Pedro, no dia 2 de maio de 1895, decimo oitavo anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

Guimarães e o centenario de Santo Antonio

Guimarães, a briosa cidade, não quiz deixar de associar-se aos festejos do setimo centenario de Santo Antonio. Uma commissão composta dos vimaranenses mais illustres, promove solemnes festas por esta occasião, cujo programma é o seguinte:

No dia 1 de junho, pelas 5 horas da tarde, principia no vasto templo da Veneravel Ordem

Terceira Franciscana a Trezona em honra do glorioso Santo Antonio Os canticos serão entoados pelas alumnas das escholas da Ordem Terceira de S. Francisco.

No dia 9, ao romper da aurora, algumas bandas de musica percorrerão as ruas e largos da cidade, e diversas girandolas de fogo anunciarão o principio das grandes festas em honra do *Glorioso thaumaturgo portuguez*. A cidade estar á embandeirada, em festa, porque n'isso se empenham calorosamente as commissões das ruas, compostas de briosos cavalleiros, auxiliados por todo o bom povo vimaranense. Ao meio dia as mesmas bandas de musica percorrerão a cidade, annunciando aos seus habitantes e aos seus hospedes a imponentissima procissão, que pelas 4 horas da tarde sahirá do vasto templo de S. Francisco. O cortejo, a cuja frente ira um plique de cavallaria, compôr-se-ha de todos os grupos de crianças que frequentam a catechese no Seminario, com as suas bandeiras—todas as escholas primarias d'ambos os sexos—collegios com as suas bandeiras, estudantes externos do Seminario e uma banda de musica. Em seguida: irmandades, confrarias, ordens terceiras, alumnos internos do Seminario, clero e rev.^{mo} cabido. Atraz do pallio a ex.^{ma} commissão municipal, auctoridades ecclesiasticas, civis e militares, commissão promotora dos festejos a Santo Antonio, commandantes e corpo activo dos hombeiros voluntarios de Guimarães, banda e força disponível de infantaria 20.

Abrindo o cortejo religioso irão duas figuras allegoricas da *Religião* e da *Patria*; em seguida um grupo de Padres franciscanos, entoando canticos em honra do portuguez illustre, que foi uma das maiores glorias da Ordem Seraphica; depois 50 anjinhos, conduzindo diversos emblemas, allusivos á vida e milagres do Santo; em seguida 4 levitas conduzindo a *Arca da Alliança*, nome que foi dado ao Santo pelo Summo Pontifice; tres figuras representando as Virtudes Theologicas—Fé, Esperança e Caridade; depois o grupo das Virtudes Cardaes—Prudencia, Justiça, Fortaleza, Temperança, grupos de meninos do côro, tres figuras, symbolisando os conselhos de Christo—Pobreza Voluntaria, Obediencia Inteira e Castidade Perpetua; seguir-se-ha um côro de 19 virgens, entoando louvores em honra de Santo Antonio. Em seguida irá a formosissima imagem de Santo Antonio dos Milagres, em riquissimo andar, conduzida por irmãos da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, de Guimarães, pegando ás lanternas 8 seminaristas.

Entre as alas do clero irão as seguintes figuras, representando os Santos da gloriosa Ordem Seraphica: Santa Margarida de Cortona, Santa Rosa de Viterbo, Santa Isabel, Rainha de Portugal, Santa Clara d'Assis, Santo Ivo, Doutor; S. Luiz, rei de França, os cinco Martyres de Marrocos, o Seraphico Patriarcha d'Assis, Santo Antonio como menino do côro, como frade do Santo Acostinho e como frade Franciscano e 8 virgens ladeando a Rainha dos Ajos, seguindo-se a Sagrada Reliquia do Santo Leão conduzida pelo ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. dr. Manoel de Jesus Pimenta, vice reitor do Seminario e presidente da commissão promotora dos festejos de Santo Antonio, em Guimarães.

A procissão seguirá o seguinte itinerario: Rua de S. Damaso, Senhor da Guia, largo da Oliveira, rua de Santa Maria, rua do conde D. Henrique, rua Nova de Santo Antonio, Toural (lado norte e nascente) rua de Camões, rua de S. Sebastião, rua do D. João I, Toural (lado sul), Praça de D. Alfonso Henriques, recolhendo á igreja de S. Francisco.

No dia 9 á noite haverá deslumbrantes illuminações e musicas em diversos largos e ruas da cidade. Subirá ao ar lindissimo e variado fogo de artificio, que principiará pelas 9 horas

e ás 11 queimar-se-hão algumas arvores e bouquets de bellissimo effeito.

Nos dias 10, 11 e 12 ao romper da aurora e ao meio dia haverá as mesmas demonstrações do regosijo do dia anterior e pelas 4 horas da tarde terá lugar na igreja de S. Francisco o tríduo solemne, a grande orchestra, com pratica, exposição e boução com o SS. Sacramento.

N'estes tres dias estarão na igreja e na capella da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco alguns reverendos ecclesiasticos para ouvir de confissão os fiéis, que quizerem preparar-se para a communhão geral e benção papal.

No dia 12 á noite estarão profusamente illuminados o hospital, igreja e largo fronteiro de S. Francisco e os edificios dos habitantes de Guimarães. Uma banda de musica percorrerá as ruas da cidade, dirigindo-se para o Seminario, em cujo salão nobre se realisará a Academia Religiosa, para a qual foram convidados notaveis oradores, e a que assistirão cavalheiros de diversas posições sociais.

Nos intervallos a philarmonica União executará varios trechos do seu escolhido repertorio. O edificio do Seminario e jardim de Santa Clara estarão caprichosamente illuminados.

No dia 13 ás 6 horas da manhã, haverá na igreja de S. Francisco missa resada o communhão geral. Ás 10 horas missa a grande orchestra e sermão pelo eloquente orador sagrado, rev. Frei Manuel das Cinco Chagas. Ao meio dia será distribuido um bôdo aos presos. Pelas 3 horas da tarde poderão as pessoas, que se acharem n'aquella cidade, admirar a magestosa processão de Corpus-Christi, que sahirá da insigne e Real Collegiada. Pelas 8 horas da tarde haverá solemne *Te Deum* em S. Francisco e boução com o SS. Sacramento.

Desde o dia 9 a 13, inclusivo, estarão em exposição os estabelecimentos de caridade e de instrucção, templos, alfaias, estação dos bombeiros voluntarios etc., etc.

No dia 13 pelas 8 horas da manhã haverá um simulacro do incendio, seguindo-se um exercicio pelos briosos bombeiros voluntarios de Guimarães.

As missões na China

D'um relatorio enviado á Sagrada Congregação da Propaganda sobre o estado actual das missões na China, transcrevemos os seguintes periodos, que as condições d'aquella vasto imperio tornam particularmente interessantes:

«Um facto que não pôde passar despercebido, e que deve ser considerado como bom augurio para o futuro do Christianismo na China, é a attitudo cortez e benevola tida pelas auctoridades chinezas durante as operações da recente guerra do Japão.

«Um edito imperial tinha ordenado ás auctoridades que protegessem as instituições e os sacerdotes europeus. A este edito seguiu-se um manifesto do vice-rei de Mukden em Manciuria, theatro das ultimas luctas, no qual, em termos energicos, se defendia os christãos. Isto contribuiu muitissimo para manter a tranquillidade dos christãos nas plagas do Celeste Imperio.

«Ora, terminada a guerra, quer o tratado de Simonosaki entre em vigor, quer seja modificado pela acção da França, Russia e Allemanha, não ha duvida que a China deve entrar no

caminho dos grandes progressos. Então a liberdade religiosa viverá, não ephemera, e protegerá no seio do imperio o Catholicismo, que, livre nos seus movimentos, alargará as suas pacificas conquistas.

«Da China mandaram confortantes noticias de tranquillidade e conversões os missionarios de S. Calocero no Horan do Sul e as Filhas da Caridade de Tche-Kiang. Os jovens sahidos das escolas d'estas valorosas filhas de S. Vicente, fazem muito bem, propagam a religião, salvam a vida a muitas creanças, e fundam, casando-se, familias de fiéis.

«Ha pouco, 60 raparigas, sahidas das escolas de Tche-Kiang, matrimoniaram-se e contribuem muito com o exemplo d'uma vida christã para os progressos da fé.»

O contracto civil e o sacramento do matrimonio

O collegio dos advogados de Paris discutiu com grande empenho o thema seguinte:

«A negativa d'um dos esposos para celebrar a cerimonia religiosa ou o *Sacramento* depois do contracto civil, pôde considerar-se injuria grave que seja motivo de divorcio?»

Afirmaram que sim os snrs. Leão Prieur e Adriano Lecointré e que não o snr. Naquet, o celeberrimo auctor da actual lei do divorcio em França. O snr. Jeanneau votou, em nome do ministerio fiscal, pela affirmativa, e o mesmo fez a maioria do congresso, convindo todos os catholicos em que o contracto civil não é o matrimonio.

O culto de Satanaz na maçonaria

D'uma correspondencia de Roma para o nosso collega *Correo Español* traduzimos o seguinte:

«Era coisa sabida entre nós os catholicos que a alta maçonaria adora o demonio, coisa que os mesmos francmações dos primeiros graus ignoravam, e por isso o negavam e até se riam d'esta affirmação, como sendo uma «invenção dos padres», e um maligno embuste do «perfeito jesuitismo». As revelações feitas por miss Diana Waugan, ex-grande inspectora das lojas triangulares, que se retirou desdenhosamente da maçonaria, mas que ficou na sua fé maçonica paladica, e os documentos publicados pelo ex-l.º 33.º e grande inspector da maçonaria italiana, Domenico Margiotta, não permitiam nem mesmo aos mais incredulos duvidar do culto a Lucifer, professado pela maçonaria. Porém n'estes dias um caso novo veio confirmar que os francmações adoram Satanaz no seu templo.

«Já sabeis que o primeiro andar do palacio Borghese, embargado pelos cre-

dores depois das desgraças economicas d'esta familia de principes, fora arrendado pelos administradores dos credores á maçonaria, a qual estabeleceu alli a residencia do G.º. O.º e do pontifice dogmatico da maçonaria paladica universal. A familia Borghese pôde, porém, agora resgatar o seu palacio, verdadeiramente regio, e intimou immediatamente a maçonaria a que sahisse d'elle. Como aquelle primeiro andar deve ser restaurado e arranjado para servir d'habitação aos jovens esposos D. Escipion Borghese e a duqueza de Ferrari de Genova, apresentaram-se aos agentes da maçonaria os agentes do principe Borghese para visitar aquelle primeiro andar do palacio e resolverem sobre os trabalhos que ha a fazer-se. Foram admittidos a visitar a casa occupada pela maçonaria, porém prohibiram-lhes que visitassem uma ultima sala que estava cuidadosamente fechada.

Os agentes do principe Borghese quizeram que aquella sala lhes fosse aberta, invocando o seu direito e ameaçando recorrer á auctoridade, se fosse necessario. Então abriram-lhes as portas d'aquella sala.

Era o templo maçonico.

Segundo contaram os visitantes — e conheço de boa origem a narrativa — as paredes estão todas cobertas sumptuosamente com telas de seda preta e rôxa. No centro da sala ha uma especie de throno, e ao redor esplendidas cadeiras douradas, as quaes tem, por cima do espaldar, um grande olho transparente que se illumina a luz electrica. Espalhados pela sala ha triangulos, esquadros, livros, symbolos maçonicos e moveis d'uso mysterioso. No fundo do templo maçonico uma grande pintura que representa Lucifer de forma gigantesca, e deante d'uma ara que tem quasi o aspecto d'uma pira. Talvez seja para queimar o incenso em honra do numen infernal.

«Os visitantes, assustados, retiraram-se com o animo perturbado, sem terem tempo para examinar por completo, em todas as suas partes, o templo satanico. Porém era mais que sufficiente o que tinham visto. O culto a Satanaz pela maçonaria é comprovado nova e indubitavelmente por este facto.

«Parece incrivel, mas é verdade, para deshonra da humanidade, que haja homens capazes d'adorar e ter por deus ao demonio!»

Nada temos que acrescentar. O facto dos mações adorarem a Satanaz, não é novidade para nós, nem talvez para todos os nossos leitores.

E venham dizer-nos que a maçonaria é inoffensiva, e não passa d'uma sociedade philantropica!

Boletim da Associação de orações e boas obras pela conversão dos pretos

Esta prestimosa associação, que tem por fim pedir fervorosamente a Deus a conversão dos povos negros da Africa, principalmente dos que são evangelizados pela benemerita Congregação do Espirito Santo, e coadjuvar as vocações apostolicas, favorecendo-as e sustentando-as, foi, como se sabe, fundada em 1847 por Monsenhor Truffet, vigario apostolico das Duas Guinés.

A sédo d'esta associação é hoje no Seminario Apostolico do Espirito Santo, na Formiga.

O boletim d'esta obra, referente ao anno de 1894-1895, acaba de nos ser enviado.

Lemol-o e achamol-o interessantissimo.

Traz um excellente relatório do Superior das Missões do Real Padroeiro de Huilla, o benemerito Padre José Maria Antunes, relativo á organização d'uma rede de Missões para a evangelização e occupação de todos os sertões da provincia d'Angola e á dotação de um seminario por parte do governo para este fim. Segue-se uma exposição ao Em.^{mo} Cardeal Ledokowski, Prefeito da Sagrada Congregação da Propaganda, sobre as Missões do Cunéne Occidental, pelo rev. Padre José Maria Antunes.

D'essa exposição se vê que nos orphanatos que a Missão Central de Huilla tem para creanças d'ambos os sexos, ha presentemente 124 rapazes e 203 raparigas, o que dá um total de 327 creanças, na maioria resgatadas da escravidão.

A Missão de Tyiveniguiro, base das esperanças d'aquelle benemerito missionario pelo futuro das Missões do planalto, conta 106 creanças, mas o zeloso missionario crê que, mais tarde, se poderá elevar o numero a 200.

A Missão de Jau tem uma aldeia composta de oito familias, fundada ha quatro annos, um asylo com 40 creanças, todas d'idade inferior a 7 annos, e um orphanato de creanças indigenas com 15.

A Missão de Kihita tem já uma casa para residencia dos missionarios, uma capella, um armazem e uma casa de 30 metros de comprimento, destinada a abrigar as seis familias, primeiros moradores da aldeia.

O Seminario do Collegio de Huilla, onde se formam padres, catechistas, mestre-escolas, etc., conta presentemente 80 alumnos, na maioria pretos de raça, tres dos quaes cursam o terceiro anno de theologia, e uma duzia de latinistas; os restantes estudam ainda instrução primaria.

O Boletim falla depois da missão de

Malange, da missão de Santo Antonio de Cabello no Libollo; e das missões do interior de Benguella: de Caconda, do Bihé, de Casniga (Amboellas), de Maria Amelia, da fundação para os lados do Alto Zambeze, etc.

Sentimos não dispôr d'espaco para acompanharmos passo a passo a narrativa dos benemeritos missionarios.

Proteger esta importante obra com donativos é uma necessidade e um dever para os christãos e patriotas, porque a Associação de orações e boas obras pela conversão dos pretos é uma instituição não só essencialmente christã, mas patriótica.

Quaesquer donativos podem ser remettidos ao director, rev. Padre Victor M. J. Wendling, mosteiro da Formiga, correio de Aguas Santas.

O catholicismo na Baviera

O Arcebispo de Munich, Monsenhor Thoma, conseguiu um verdadeiro renascimento do catholicismo na capital da Baviera, onde o governo de Lutz e o exemplo da Universidade, dirigida por Doellinger, tinham causado muitos estragos. Recorreu o referido Arcebispo ás missões de Franciscanos e Capuchinhos, que, com tres sermões diarios na passada Quaresma, elevaram as communhões de 40:000, que costumavam ser, a 120:000, no passado mez.

O catholicismo na Dinamarca

Sua Santidade escreveu ao rev.^{mo} Euch, Vigario Apostolico na Dinamarca, recommendando-lhe qnarcidamente as missões da Islandia, onde, entre uma população de 75:000 protestantes, ha apenas uma familia de catholicos.

O presbytero de Reims, Padre Baudoin, de 30 annos d'idade, decidiu passar alli a vida, dedicando-se ás missões, e cumpriu a sua promessa, fallecendo em 1875. O Padre Jesuita Sven-Son, islandez de nascimento, tomou tambem com grande empenho as novas missões, recommendando-as na imprensa e por todos os mais ao seu alcance.

Um judeu dando provas de que o é

Um professor da Universidade de Modena, que é judeu, negou-se a contribuir para custear as despesas com uma corôa dedicada á memoria de Torquato Tasso, allegando que Tasso era um poeta clerical muito antipathico. Os estudantes acharam, porém, que mais antipathico era o professor, e surgiu um tumulto, em que as auctoridades tiveram que intervir.

A *Voce della Verità* attribua toda a responsabilidade do facto ao governo, que dispensa todos os favores aos filhos de Ghetto e da Synagoga.

Os soldados japonezes catholicos

Estes soldados teem uma religião que lhes ensina a cumprir o seu dever, e que, depois da morte, passam a uma vida melhor; e porisso são corajosos e affrontam intrepidamente os maiores perigos.

Conta-se que em Nagasaki, no ataque de Port-Arthur, se formou um batalhão de soldados catholicos, que entraram no assalto e correram a arvorar no forte a bandeira japoneza, voltando sãos e salvos, trazendo o escapulario ao peito.

Os seus camaradas, vendo-os tão prodigiosamente incolumes, pediram esse talismã que protege dos golpes do inimigo, e quizeram immediatamente abraçar a religião catholica.

Os chefes estão muito contentes com os soldados christãos, cuja disciplina e valor elogiam. Muitos soldados catholicos estão na guarda imperial.

Esta noticia traduzimol-a do jornal italiano *L'Osservatore Cattolico*, de Milão, que é muito serio e digno de credito.

O recenseamento da Franc-Maçonaria

Foi publicado o *Anuario* do grande Oriente para o anno de 1895-1896.

Lê-se n'elle que, em França e na Argelia, ha 364 lojas, 286 das quaes pertencem ao «rito do Grande Oriente», 50 ao «rito do supremo conselho», 28 ao «rito escocez da Grande Loja symbolica», e 10 ao «rito de Misraim.»

O numero de adherentes é aproximadamente de 20:000.

E' por este infimo numero que a França se deixa tyrannisar!

Quem duvidar do poder d'esta funesta associação e da identidade das leis republicanas francezas com as suas decisões, leia o seguinte documento:

«Na sessão de 12 de setembro de 1893 do convento do Grande Oriente, o L. Merchier, relator, Ven. de Calais, Rosa-Cruz, professor do lyceu de Calais, leu a seguinte proposta:

«O convento de 1893, fiel ás doutrinas anti-clericas e humanitarias da F. Maç., desejoso de vêr o conselho da ordem dar a todas as LL. da obediencia um energico impulso proprio para levar á realisção, ha tanto tempo desejada, reformas tão necessarias, encarrega-o d'organisar sobre toda a extensão do territorio da Republica uma agitação pacifica destinada a permittir o esmagamento do clericalismo pela applicação integral das leis escolares e militares, pela vulgarisação das leis destinadas a produzir a separação das Igrejas e do Estado, pela supressão pura e simples das congrega-

ções e pelo regresso de seus bens á nação. . . .

A lei Ribot, que organisa a espoliação total em breve prazo das congregações religiosas, é praticamente a proposta apresentada á Franc-Maçonaria.

O Grande Oriente manda, o governo francez obedece, a camara executa.

São os factos que o dizem. Mas não deixa de ter graça que 20:000 homens governem 38 milhões.

Ou os 20:000 são muito valentes, ou os 38 milhões são muito cobardes. Não ha que sair do dilemma.

Aguardem as consequencias . . .

No dia 24 de maio, os alumnos da Escola Medica do Porto festejaram o encerramento das aulas com uma entrudada, a que chamaram «ensaio geral do centenário de Santo Antonio.»

N'esta entrudada foi ridicularisado o que ha de mais santo. Figuraram anjinhos, andores, santos e auctoridades civis e religiosas. A rapaziada, contente com a folgança, deu largos vãos á sua *verve*.

A concorrência foi numerosa, porque a entrudada foi publica.

Parece que todos gostaram da brincadeira, incluindo as auctoridades, porque não consta que, apesar da festa ter sido annunciada com antecedencia, a policia tivesse tomado providencias para a evitar.

Visto que a auctoridade intendeu que não devia reprimir a festa, não seremos nós que culpemos os rapazes por se divertirem a seu modo. São rapazes, está-lhes isso na massa do sangue, e fallam e obram consoante a educação pouco christã que receberam.

Mas se os estudantes, que são os homens d'amanhã, e aquelles que estão destinados a occupar os logares eminentes na sociedade, representarem na vida publica os mesmos papeis que representaram na entrudada, não se queixem os poderes publicos: colhem o que deixaram semear.

As auctoridades militares foram ridicularisadas; a religião escarnecida; o Rei appareceu de cara pintada, na figura de rei do Congo; de tudo se zombou. Isto fica, embora o não pensem os que deixam correr tudo á revelia. Fica, e dá fructos. Se doces, se amargos, o futuro se encarregará de o dizer.

Ha quem diga que a entrudada foi um brinquedo innocente de rapazes que gostam de divertir-se. Não somos da mesma opinião. Deixassem os estudantes divertir-se, mas não permitissem que publicamente ridicularisassem coisas e pessoas dignas de todo o respeito.

A falta de respeito e acatamento ás auctoridades, e a zombaria a coisas religiosas, são sempre condemnaveis e de

effeitos perniciosissimos. Só o não verá quem fôr cego ou não saiba lêr na historia.

O ex-Padre Cabrera e a maçonaria

O ex-Padre Cabrera, que ha pouco tanto deu que pensar aos catholicos matritenses por ser elevado a bispo anglicano, é Irmão dos Tres Pontinhos. Protestantismo e maçonismo não se excluem: são irmãos gêmeos, nascidos do mesmo pae: Satanaz.

Quem o affirma é *El Nacional*, que diz o seguinte:

«Corria nós centros catholicos que o ex-Padre Cabrera, celebre pela sua sagração episcopal, estava filiado na maçonaria.

«Tratando-se de ministros do culto e de pessoas religiosas, ainda que protestantes, esta filiação maçonica é sempre lamentavel, pois são de sobra conhecidos os fins da maçonaria em todo o mundo. Os protestantes fervorosos, que tendo nascido n'essa religião a professam com sincera fé, guardam-se de pertencer ás seitas maçonicas; muitos d'elles fizeram grandes elogios a Leão XIII quando as anathematizou na sua Encyclica.

«Averigua-se agora que o ex-religioso esculapio e pastor da capella visinha ao hospicio, é maçã, e não dos do último grau, nem dos dormentes, mas nada menos que grande ministro de Estado do Grande Oriente Iberico, e com o sobrenome de *Kuox*. Assim o refere o orgão da maçonaria em Hespanha, *Las Dominicales*, n'uma carta do seu correspondente de Malaga, onde a maçonaria, ao ter noticia de que o Irmão *Kuox*, vulgo Cabrera, chegava, resolveu recebel-o na estação e dedicar-lhe uma *sessão magna*, na qual o felicitaram pelo seu triumpho contra a reacção ao vencer as difficuldades para ser sagrado bispo, facto de grande importancia (bom é sabel-o) para a maçonaria hespanhola.

«O discurso do bispo maçã foi um continue elogio para a seita, que não tem religião alguma e a todas aborrece, principalmente ao catholicismo. Disse que a maçonaria é a luz e que ninguém deve abandonal-a, pois a sua moral é a mais pura, etc.

«Segundo informações que temos, parece que todos os pastores protestantes são tambem maçãs, e fazem o seu pouco de propaganda em favor d'esta associação, que a seu turno protege o protestantismo e tambem os espiritas, pois sabe que assim favorece o racionalismo incredulo, que é o seu ideal. . . .»

Não nos admira esta ligação do protestantismo com a maçonaria.

E que dirá a isto o governo hespanhol?

O governo francez e Joanna d'Arc

O governo francez, que é um manequim nas mãos da franc-maçonaria, prohibiu que os militares tomassem parte nas festas em honra de Joanna d'Arc.

As razões que teve para isso, não as disse o governo; mas facil é sabel-as: como Joanna d'Arc é uma heroína christã, o governo maçã não quer contribuir para a sua glorificação.

Pois Joanna d'Arc bem merecia que a França lhe fosse grata. E' ella um dos maiores vultos da nação franceza, e foi ella quem salvou a França da invasão dos inglezes.

Joanna, porém, tinha por lemma *Dieu et mon Roy*, e o governo francez sente calafrios quando lhe fallam em Deus e irizam-se-lhe os cabellos quando se allude ao Rei.

E... viva a liberdade!

Que dolorosos dias a pobre França está atravessando, governada por gente sem temor de Deus, e mais intransigente do que o mesmo sultão da Turquia!

Jornal catholico em lingua arabe

Agora que o mundo catholico tem a vista fixa no Oriente, graças aos esforços do Santo Padre para a união das Egrejas, é opportuno recordar que este anno celebra as suas bodas de prata o vigoroso jornal catholico arabe que os Padres Jesuitas publicam em Beyrouth. Por este motivo, o *Bachir* (é este o nome do jornal) publica uma mui honrosa carta que o Em.^{mo} Cardeal Ledochowski, Prefeito da Propaganda, dirigiu ao seu actual director, o rev. Padre Salhani.

O *Bachir*, que quer dizer— O *Mensageiro da Boa Nova*—fundou-se em 1870 durante o Concilio Vaticano, para trazer os catholicos da Syria e do Egypto ao corrente dos trabalhos da grande assembleia e para defender o primado do Papa contra os dissidentes de todo o rito, cujos ataques então recrudesciam.

O jornal foi tão bem acolhido que, terminado o Concilio, continuou a publicar-se, e depois obteve ruidosos triumphos contra os protestantes e franc-maçãs do Oriente. Extranho á politica, occupa-se em primeiro lugar da Religião e de noticias religiosas; mas tambem abre as suas columnas com frequencia aos estudos litterarios, sociaes e commerciaes, o que lhe vale a consideração dos homens competentes.

Pela posição que occupa, é o orgão da imprensa catholica de Beyrouth.

Que viva muitos annos para bem da sociedade e honra da benemerita Companhia de Jesus!

Movimento catholico na Hollanda

Graças aos esforços do Episcopado e de muitos membros do clero, o movimento catholico na Hollanda vae prosperando.

Além d'uma associação geral operaria, a qual tem mais de 13 mil associados, nos ultimos dias fundou-se uma associação catholica de fabricantes ou productores, cujo fim principal é a conservação da paz e a aproximação da classe burgueza da operaria. Os estatutos d'esta nova sociedade foram apresentados ao Episcopado hollandez para os approvar.

Um coração d'ouro

Ha dias—diz a *Revista Popular*, de Barcelona—occorreu uma scena verdadeiramente commovedora junto d'esta cidade.

Caminhava um Padre Jesuita pela estrada de Sarriá, não mui longe da egreja de S. João de Deus, quando passava por alli um carro, guiado pelo carreteiro, homem de feições tostadas e herculeas forças, que trazia na cabeça um gorro encarnado.

Ao chegar o carreteiro em frente do Padre, olhou-o fixamente, e, depois de um momento d'indecisão, parou o carro com um rapido movimento, desceu d'elle e dirigiu-se para o ministro do Senhor.

O discipulo de Santo Ignacio, apezar de temer algo o torrido carreteiro, esperou-o sereno e tranquillo.

E succedeu que, em vez d'um feixe d'injurias, ouviu o Padre estas ou parecidas palavras, pronunciadas com voz commovida pelo carreteiro:

O snr. é de S. João de Deus?—disse, apontando o templo onde a caridade acolhe os escrophulosos.

—Não, bom homem,—respondeu o Padre.

E' que se fosse lhe beijaria a mão e o abraçaria,—disse, commovido, o carreteiro.

—São uns santos—acrescentou. Ha dias estive alli, e vendo como tratavam aquelles pobres meninos tão doentes, vieram-me as lagrimas aos olhos.

O Padre, muito commovido com aquella ingenua confissão, animava o não menos commovido carreteiro a que continuasse.

—Na occasião veio-me á mente que, se tivesse um filho enfermo da mesma enfermidade, aquella boa gente m'o trataria tambem d'aquelle modo, e... não pude conter-me, e puz-me a chorar como uma creança.

O Padre felicitou aquelle honrado homem, e pintou-lhe as grandezas da religião catholica, que sabe produzir um S. João de Deus, um Santo Ignacio e um D. Bosco. Com carinhosas palavras aconselhou ao commovido carreteiro que perseverasse em tão boas disposições, que Deus o recompensaria, senão com a felicidade ephemera d'esta vida, com a eterna da outra.

—Muito obrigado, muito obrigado!—lhe respondeu—Deus lhe pague o bem que me fez. E beijando-lhe com bruceo movimento a mão, subiu ao carro e afastou-se.

A Questão dos Jesuitas

Não damos hoje a continuação d'esta obra, porque o seu illustrado auctor, o ex.^{mo} snr. José Francisco da Silva Esteves, não nos mandou o original. Duas vezes lhe escrevemos a pedir noticias de sua saude, (pois que s. ex.^a nos tinha participado que, por se achar doente, não nos mandava original para completar as 16 paginas do numero passado), e como não obtivemos resposta, supponmos que os padecimentos de s. ex.^a se aggravaram. Se assim é, fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

SECCÃO ADMINISTRATIVA

Aos cavalheiros que caridosamente são correspondentes de *O Progresso*

Catholico, pedimos a especial fineza de nos enviarem a relação dos assignantes que lhes hajam pago assignaturas, e de cujo pagamento ainda não tenham informado esta administração; porque, tencionando nós começar em breves dias a fazer a cobrança das assignaturas atrazadas por intermedio do correio, precisamos saber os nomes d'aquelles que hajam pago aos nossos correspondentes, afim de lhes não pedirmos o que não devam. Como a assignatura de *O Progresso Catholico* é paga adiantadamente, nos recibos, que tenhamos de mandar, incluiremos o anno corrente.

Como se sabe, todos os recibos cobrados pelo correio levam sello, e, afóra esta despeza, tem a dos impressos e a percentagem da cobrança. Pedimos, pois, encarecidamente aos nossos presados assignantes que, logo que recebem aviso para o pagamento, se apressem a mandar pagar, porque a devolução do recibo por pagar não nos evita a despeza que fizemos, e obrigamos a novas despezas com nova remessa, o que muito sobre-carrega esta administração.

Maior favor seria que os nossos assignantes em divida nos mandassem a importancia da assignatura sem esperarem o aviso do correio, porque nos poupavam despeza; pois que, sendo a cobrança feita por intermedio do correio, perdemos 10 por cento sobre o importe da assignatura, o que é um desfalque bastante sensivel, se se atender a que *O Progresso* é, de todas as revistas quinzenaes, illustradas ou não illustradas, que se publicam em Portugal, a mais barata.

Esperamos do reconhecido zelo dos nossos presados assignantes a deferição a este pedido.

O ADMINISTRADOR,

Vicente Fructuoso da Fonseca.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 12000 reis—Estados da India, China, e America, 12200 reis, moeda portugueza.

Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um ou meio anno.

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua do Almada, 368—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a Vicente Fructuoso da Fonseca, na Livraria Catholica fortuense, rua do Almada, 368—PORTO.